

CATEDRAL DE SÃO PAULO: FÉ, ARTE E POLITICA

Prof. Dr. Ney de Souza¹

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar notas sobre os desdobramentos da construção da catedral metropolitana católica de São Paulo. Percurso histórico carregado das relações com a política, primeiramente portuguesa e, depois com a brasileira. O texto revela as dificuldades desta construção e, ao mesmo tempo, a relação com a sociedade e com a cidade. Em alguns momentos revela uma religião conivente com os poderes políticos constituídos e em outros momentos sua contestação à ordem vigente.

Palavras-chave: Catedral, São Paulo, Construção

CATHEDRAL OF SAO PAULO: FAITH, ART AND POLITICS

Abstract: The aim of this text is to present notes about the unfolding of the construction of the metropolitan Catholic cathedral of São Paulo. Historical course loaded with relations with politics, firstly Portuguese and then with the Brazilian. The text reveals the construction's difficulties and, at the same time, the relationship with society and the city. At times

¹ Pós doutorado em Teologia pela PUC RJ. Doutorado em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e registro na USP. Líder do grupo de pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo, registrado no CNPq. Professor Permanente no Programa de Estudos Pós Graduados em Teologia da PUC SP.

Cordis. *A Cidade e a Arquitetura Sacra*, São Paulo, n. 17, p. 1-2, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174.

it reveals a religion conniving with constituted political powers and at other times its contestation to the prevailing order.

Keywords: Cathedral, São Paulo, Construction

Introdução

A vila de São Paulo de Piratininga tivera sua primeira Matriz construída a partir de 1589, e terminada por volta de 1616. Em 1745, São Paulo tornou-se sede da nova Diocese, e, por isso, fez-se necessário substituir a velha igreja por uma nova construção, que foi terminada em 1764. Já no fim do século XIX, com o crescimento da cidade e o desgaste desta construção de taipa, existia o desejo de criar uma nova Sé, de acordo com este novo momento histórico de desenvolvimento de São Paulo.

Depois de muitas discussões, no dia 25 de janeiro de 1912, o palácio São Luiz foi o local de uma reunião histórica. O então arcebispo, D. Duarte Leopoldo e Silva, reuniu os representantes das principais famílias da cidade e constituiu a comissão para levantar fundos e acompanhar a construção da Catedral. D. Duarte no dia 29 de junho de 1913 lançava a pedra fundamental. A construção se prolongou e foi inaugurada em 25 de janeiro de 1954 por D. Carlos de Vasconcellos Motta. A catedral estava inacabada.

Nos anos 90 tem início uma restauração e, finalmente a finalização da obra. Este texto apresentará alguns aspectos da construção prolongada desta obra religiosa no coração da cidade de São Paulo.

Da Matriz à Catedral

A história da Catedral de São Paulo remonta às duras dificuldades na construção da Igreja matriz. Assim mesmo, depois de construída, não recebeu o zelo que merecia: como templo e como patrimônio público. A matriz estava em total ruína quando da elevação do território em diocese (1745). Quando a paróquia completou os seus 154 anos, São Paulo se tornou diocese e construiu a antiga catedral no mesmo lugar da primeira matriz. Sem dúvida, toda essa situação de descaso era fruto do regime de padroado (SOUZA, 2002, 683). A aliança com a Coroa portuguesa trouxe sérios prejuízos ao catolicismo não somente no que se refere à manutenção do culto, mas também na subserviência da igreja e de seus membros, como funcionários do Estado.

Em 1888, no episcopado de Dom Lino Deodato realizou-se a primeira reunião para a construção da nova Catedral. As razões então ventiladas eram: o conjunto da Velha Sé, sólida na construção, mas alterada por várias reformas; o seu local, e a urgência de, em São Paulo, no seu vasto desenvolvimento, poder abrir novas avenidas, esmerando-se pelo urbanismo da cidade.

O engenheiro que em 1882 apresentara o seu projeto, Júlio Martin, o mesmo que projetara o primeiro Viaduto do Chá e que naquele momento idealizava a Catedral na Praça dos Curros, hoje Praça da República.

Loteria, política e fé

O senador José Luís de Almeida Nogueira na sua mensagem enviada ao Senado fixava pontos para que a Velha Sé não fosse demolida, antes que a Nova fosse terminada. Afirmava o senador que a indenização pelo imóvel demolido seria equivalente ao total da construção da Nova Catedral; que a fiscalização da Nova construção fosse feita pela autoridade eclesiástica.

Esta era a opinião e o desejo do senador que ainda vivia no tempo do padroado régio, a quem competia tais compromissos. A primeira decepção sofrida na iniciativa foi à perda da soma de uma loteria concedida pelo governo imperial para a Nova Catedral. Era costume conceder loterias em benefícios de obras pias, colégios e igrejas. Tal disposição já era registrada desde 1815 até a última para a Nova Catedral. Caindo o Império (1889) o governador do Estado de São Paulo, Prudente Jose de Moraes Barros, apoderou-se desta loteria, aplicando-a na construção da Escola Normal na Praça da República. Afirmava o governador que a igreja teria outros meios para construir o seu templo e que ele se sentia feliz por lançar a primeira pedra do primeiro templo de ensino.

Esta atitude de Prudente de Moraes valeu vigorosa carta de protesto do bispo diocesano. O bispo afirmava que era uma apropriação indébita ao desejo dos doadores, sendo que o governo tem o meio vigente dos impostos, para tal finalidade.

Bem mais tarde, em 20 de novembro de 1909, o governador Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, durante sua administração, devolveu ao Arcebispo, por indenização da loteria usurpada, a soma de 800 contos de reis, em títulos de dívida pública.

Comissão para a construção da catedral

Na primeira reunião realizada para a construção da Nova Catedral, aclamou o bispo diocesano, D. Lino, como seu primeiro presidente. A primeira comissão era assim composta: senador Antônio Prado, conselheiro Antônio Fleury, Marques de Itu, Jose Vicente de Azevedo e Jesuíno de Melo. A comissão auxiliara para os trabalhos relativos à loteria era constituída pelo cônego Manuel Vicente da Silva e por Francisco Antônio de Souza Queiroz, Barão de Bocaina. Uma comissão de donativos foi organizada e assim formada: arcediogo Francisco de Paula Rodrigues, Monsenhor João Alves Coelho Guimarães e Barão de Pirapitingui.

Da Praça dos Curros para a Praça da Sé

O projeto da Catedral foi apenas acalentado nos curtos bispados de D. Joaquim Arcoverde (1894-1897) e de D. Antônio Candido Alvarenga (1899-1903). O curto bispado de D. Jose de Camargo Barros (1904-1906) teve uma pequena iniciativa em relação às obras. Caberia a D. Duarte realizar o plano de erguer a Catedral de São Paulo.

A construção na Praça dos Curros já não era mais viável, mas o local fixado seria na mesma Praça da Sé. Isto obrigava a demolição do velho templo, a desapropriação do terreno e propriedades vizinhas (pertencentes à Diocese), a permuta de todo este espaço com o Município que cederia à Mitra Diocesana o terreno no alto da Praça da Sé onde já haviam sido lançados os alicerces do Paço Municipal.

Assim, os antecedentes que compõe o passado da catedral atual são de grandes dificuldades. A Velha Sé foi construída dentro deste atrelamento do altar ao trono. O templo antigo se encontrava na mesma posição do atual, de frontispício voltado para as entradas da rua 15 de Novembro e Pátio do Colégio. Tudo isso naquele tempo em que toda essa região central apresentava um movimento de capital de Província: pouca gente e muitas festas religiosas.

O bispado de São Paulo recebeu a importância de 350 mil cruzeiros pela demolição e terreno da Velha Sé. Em substituição àquele templo o cardeal Arcoverde, então bispo de São Paulo, mandou construir a Igreja do Imaculado Coração de Maria, iniciada em 1897 e terminada dois anos depois. Há na igreja da rua Jaguaribe uma placa comemorativa da transferência. Este edifício custou 600 mil cruzeiros. Para completar a importância o bispo apelou para o sentimento religioso dos paulistas que totalizaram as obras. Dentre estes se destacam Jose Estanislau do Amaral, a marquesa de Itu, a baronesa de Jaguará, a baronesa de Tatuí e d. Veridiana da Silva Prado.

O nome de Tibiriçá está ligado a estes monumentos paulistanos. Seus restos mortais, que se achavam depositados na velha Sé, foram transportados numa urna de mármore branco dali para a Igreja do Imaculado Coração de Maria no dia 19 de novembro de 1901. Hoje, seus restos mortais se encontram na nova Catedral, para onde foram transladados no dia 21 de janeiro de 1933.

Da catedral barroca para a catedral gótica

Quando a diocese fazia 163 anos, São Paulo foi elevada a Arquidiocese (1908). Por isso o primeiro arcebispo, D. Duarte destruiu a velha catedral barroca e em 1912 lançou a pedra fundamental em 1913 da atual catedral gótica.

A Catedral de São Paulo nasceu de uma reunião convocada pelo então arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva, no dia 25 de janeiro de 1912. Nesta reunião foi constituída uma comissão executiva encarregada de superintender as obras e angariar os necessários recursos à construção da nova Igreja. A Mitra entrou em negociações com a Câmara Municipal e pela escritura pública de 24 e 28 de abril de 1913 ficou assentada a escolha da área para a construção, entre as chamadas ruas Marechal Deodoro e Capitão Salomão que integram atualmente a Praça da Sé. O terreno adquirido ia dos limites do frontispício da velha Sé até o largo de São Gonçalo. As proporções da nova Catedral alteraram o velho traçado da Praça da Sé. As palavras de D. Duarte nesta reunião foram as seguintes:

...se os templos se edificam mais para os homens do que para Deus, que, colocando no santuário de sua inesgotável riqueza, nada reclama da nossa abundancia, nós católicos e paulistas, queremos uma catedral que seja uma escola de arte e um estímulo a pensamentos mais nobres e mais elevados, queremos uma catedral opulenta, que, testemunhando a fartura dos nossos recursos materiais, sejam também um hino de ação de graças a Deus nosso Senhor. Saibam os paulistas de amanhã que a fibra do bandeirante, lutador e intemorato nas asperezas das selvas, não os enfraqueceu nos confortos da vida moderna, como não se intibiou a sua fé nos esplendores da ciência e da civilização. Por uma lei histórica e fatal, São Paulo há de sempre caminhar na vanguarda, tem de cumprir uma grande missão política e social e a sua hegemonia religiosa já não poder ser contestada. Pois bem, monumento artístico e religioso, que breve se há de erguer na colina do venerável padre Anchieta, há de ser um zelo dessa imensa e poderosa grandeza, e eu ponho à frente desse objeto todo o calor de minha fé cristã e todo o entusiasmo de minha alma paulista. (ACMSP, Monografia de d. Duarte)

O projeto inicial constava da aquisição de toda cantaria necessária, contratada com firma europeia. A primeira remessa de pedras foi realizada e colocada em toda à frente da Catedral. O vapor ‘Bogor’ transportando

pedras para a Catedral submergiu nas costas de Portugal. Com o naufrágio a arquidiocese não sofreu nenhum tipo de dano monetário

Um outro contratempo nas obras ocorreu no dia 24 de julho de 1914, quando lançando os alicerces de uma das colunas internas, uma das bordas das valetas desmoronou soterrando 4 operários. Todo o socorro prestado foi inútil. Este foi o único desastre mortal ocorrido em toda a construção.

Com a impossibilidade de obter cantarias na Europa devido à guerra, se adquiriu todo o material de uma pedreira em Ribeirão Pires, São Paulo. Dali vieram todos os granitos para a construção até o término das obras.

O projeto da Catedral, depois modificado em vários dos seus aspectos iniciais, foi feito pelo arquiteto Maximiliano Emilio Hehl, que submeteu seus planos a crítica dos mais autorizados mestres da Europa. Em 1916 morria Hehl, sendo substituído por Jorge Krugt, responsável até 1919. Do ano de 1919 até a140 o arquiteto responsável foi Alexandre Albuquerque. Durante o episcopado de D. Jose Gaspar os arquitetos responsáveis foram: Nicolau Henrique Longo (1940-1950) e Luís de Anhaia Melo (1950-1954), sendo neste ano, 1954, a catedral inaugurada, porém inacabada.

O templo mede 111 metros de comprimento e 46 de largura, comportando em suas naves gigantescas oito mil pessoas. A fachada principal compõe-se de um frontão central decorado. As duas torres laterais atingem a altura de 97 metros. As quatro estatuas do lado esquerdo do portal são as dos quatro profetas: Isaias, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

No meio está São João Batista e, do outro lado os evangelistas. Ainda se encontram eternizadas na fachada as figuras de Santo Atanásio, São Cirilo, São Gregório Nazianzeno, São João Crisostomo, Santo Ambrósio, São Jerônimo, Santo Agostinho e São Gregório Magno.

Algumas dificuldades ao longo da construção da Catedral

Algumas dificuldades no caminho retardaram as obras deste templo. Os dez anos de guerra (1914-1918 e 1939-1945) diminuíram o ritmo dos trabalhos e quase paralisaram as obras. Nessa época a catedral teve três comissões executivas, duas com D. Duarte em 1912 e em 1930, e outra em 1939 com D. José Gaspar, falecido em 1943. D. Duarte tinha por ideal a inauguração da Catedral em 1922, quando o Brasil celebraria o centenário da sua Independência. Este desejo somente confirma a análise dos historiadores quando assinalam um início de aproximação no período republicano da Igreja em relação ao Estado.

O ânimo para terminar a catedral chegou com o fim da guerra e a nomeação do primeiro cardeal de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, dia 24 de dezembro de 1944. Com o cardeal Motta, a catedral teve também outras três comissões para sua construção. A “Legião de São Paulo Pro Catedral”, formada em 1947 por senhoras católicas e ampliada em 1949, conseguiu inaugurar a catedral inacabada no dia 25 de janeiro de 1954, como ponto máximo da celebração do quarto centenário da Cidade.

Em 1956, dois anos após sua inauguração, o cardeal Motta nomeou sua terceira comissão para erguer as torres e terminar as obras gerais. O órgão de 10 mil tubos, fabricado em Milão na Itália, com 5 teclados, 124 registros e 329 comandos, foi inaugurado no Dia de Ação de Graças, 25 de novembro de 1954. O carrilhão com 61 sinos e 20 toneladas, na torre esquerda da catedral foi inaugurado em 1959. As torres até o final da década de 90 continuavam inacabadas.

O arcebispo decidia que estava mais do que na hora de terminar as obras da catedral de São Paulo. Pior do que a demora eram as críticas, poderia se estar cometendo um pecado ao misturar estilos gótico, bizantino e romano. A catedral não é uma obra de arquitetura perfeita. De qualquer modo dom Carlos obtém recursos e agiliza a construção e, mesmo sem as torres, que depois seriam erguidas, inaugura a cátedra e a entrega à população no dia 25 de janeiro de 1954, como parte das comemorações do Quarto Centenário da Fundação de São Paulo. D. Carlos não mediu esforços para que esta obra estivesse pronta.

Nesta solene festa de inauguração da catedral estavam presentes, além de diversos bispos, monsenhores, cônegos e a população de fieis, o novamente presidente da República Getúlio Vargas. O governador do Estado Lucas Nogueira Garcez e outras autoridades também estavam presentes ao evento. O livro do tomo da Sé registrava:

A catedral é a Casa de Deus. Ela sabe que é necessário dar as massas a cristologia do céu. Ela é o templo e o templo é a alma de um povo, lugar do seu culto, foco da vida religiosa e moral. O templo é a casa entre a terra e o céu, a casa para os corpos e para os sentimentos, para a vida de todos os dias e para as grandes aspirações fora do templo. (ACMSP Livro do Tombo da Sé 48, 3-4)

A situação da catedral era ainda aquela de construção. Por causa de falta de pagamento de aluguel dos andaimes de aço, estes foram retirados, já havia meses e a comissão das Torres não havia pago os salários dos empregados. A campanha feita anteriormente e a venda de uma casa doada para a Catedral asseguraram a conclusão das obras sem necessidade de nova campanha. Apesar disso, a obra da Catedral continuava inacabada. D. Agnelo Rossi, nos anos sessenta, nomeou para a conclusão das obras D. Ernesto de Paula.

Os desdobramentos da construção no final do século XX

Em 1998, caiu um tijolo da cúpula central, colocando em risco o desmoronamento da ogiva com efeito dominó. Por isso, a Arquidiocese de São Paulo contratou uma empresa especializada para projetar a restauração e conclusão da Catedral. Esse projeto foi enviado ao Ministério da Cultura, solicitando a autorização da Lei Rouanet.

Quando o Departamento de Controle do Uso de Imóveis (CONTRU) da Prefeitura interditou a Catedral no dia 8 de julho de 1999, por causar riscos à segurança da população, dom Cláudio Hummes, então arcebispo de São Paulo, foi a Brasília se encontrar com o Presidente da República e o Secretário da Educação, dia 13 de julho, solicitando agilidade na aprovação do projeto da catedral. No dia seguinte, 14 de julho, foi aprovada pelo governo federal a obtenção de recursos fiscais através da Lei Rouanet para a restauração e conclusão do monumento de São Paulo, que é a Catedral da Sé. No dia 21 de julho, a catedral foi desinterditada para obras que descaracterizassem o risco de segurança para a população. Dentro de um mês, no final de agosto, quando não houve mais risco de segurança, a catedral foi parcialmente desinterditada para visitas e celebrações.

A cripta da catedral

A cripta da Catedral de São Paulo é uma verdadeira igreja subterrânea. Na cripta se entra através de duas escadas. A nave principal tem 20 metros de comprimento e dez de largura, ocupando o que corresponde à Capela-mor da Catedral. Estão sepultados na Catedral os seguintes bispo: D. Bernardo Rodrigues Nogueira (1745-1748), D. frei Antônio da Madre de Deus Galrao (1750-1764), D. Manuel da Ressurreição (1771-1789), D. Mateus de Abreu Pereira (1795-1824), D. Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade (1827-1847), D. Antônio

Joaquim de Melo (1851-1861), D. Sebastião Pinto do Rego (1861-1868), D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (1872-1894), Antônio Candido de Alvarenga (1898-1903), D. Jose de Camargo Barros (1904-1906), D. Duarte Leopoldo e Silva (1907-1938), D. Jose Gaspar de Afonseca de Silva (1939-1943). D. Jose Thurler, bispo auxiliar em São Paulo e D. Paulo Evaristo Arns (1970 - 2016).

Ainda na cripta se encontram dois conjuntos de mármore: Jó, o afligido do Senhor e São Jerônimo, ambos trabalhos de Francisco Leopoldo, situados no cruzamento das naves principais. Destaca-se na cripta o mausoléu, em relevo de bronze, de Tibiriçá, chefe indígena dos Guaianazes, que bem acolheu os primeiros jesuítas no planalto de Piratininga e com o seu auxilio possibilitou a fundação de São Paulo. Encontra-se também o mausoléu do padre Antônio Diogo Feijó, ministro da Justiça e Regente do Império, um dos consolidadores da Independência do Brasil. O conjunto de bronze, de autoria de Cucê, é impressionante no seu simbolismo.

Considerações Finais

O arcebispo emérito de São Paulo, falecido em dezembro de 2016, dedicou um capítulo de seu livro *D. Paulo Evaristo Arns da esperança à utopia* (capítulo 18) à catedral da Sé e deu o seguinte título *Catedral da Sé espaço de esperança e liberdade*. São páginas que trazem à luz diversos e importantes acontecimentos realizados na catedral a partir da década de

70 do século XX. O presente texto já destacou alguns e acrescenta outros relatados pelo cardeal Arns: a celebração pela morte do estudante da USP Alexandre Vannucchi Leme em 30 de março de 1973². O fato repercutiu no mundo estudantil. A celebração contou com inúmeros estudantes. Em 1983 foi celebrada a cerimônia na volta a São Paulo dos restos mortais de frei Tito Alencar, dominicano.

Posso afirmar aqui que frei Tito foi morto por ordem do delegado Fleury, porque o trauma da tortura que sofreu foi de tal forma grave, que Tito vivia como que possuído pela presença do policial, não conseguindo mais resistir a seus desmandos. (Arns, 2001, p. 306)

Outro momento importante acontecido na catedral se verificou quando foram descobertas centenas de ossadas de desaparecidos no cemitério, então clandestino de Perus. O finados de 1990 foi neste cemitério, a catedral seria ali naquele momento.

Depois de restaurada³, a Catedral foi reaberta no dia 29 de setembro de 2002⁴ com uma grande celebração presidida por D. Cláudio Hummes.

² Confira este e outros eventos realizados na Catedral no jornal *O São Paulo*, 2 de outubro de 2002, p. 5.

³ Um texto sobre a beleza arquitetônica da Catedral, restauração e sua importância para o Brasil se encontra em jornal *O São Paulo*, 2 de outubro de 2002, p. 5.

⁴O jornal *O São Paulo* em sua edição de 25 de setembro de 2002, na página 12, traz uma série de fotos internas e externas da Catedral restaurada.

Cordis. *A Cidade e a Arquitetura Sacra*, São Paulo, n. 17, p. 1-2, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174.

Na sua homilia, o arcebispo agradeceu a todos que colaboraram para esta restauração e afirmava que a catedral estava aberta para continuar realizando sua missão e vocação de templo principal da cidade. Ainda, em sua homilia, fez um breve relato da história da catedral e da conclusão das obras com 14 novas torres laterais, restando apenas algumas obras complementares, como a restauração do órgão de tubos e o projeto museológico⁵.

Referências

Bibliográficas

ARNS, Paulo Evaristo. *D. Paulo Evaristo Arns. Da esperança à utopia. Testemunho De uma vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

SOUZA, Ney (org.). *Catolicismo em São Paulo. 450 anos da presença da Igreja católica em São Paulo (1554-2004)*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SOUZA, Ney. Os caminhos do Padroado na evangelização do Brasil. In: *REB* 247 (2002) 683-694.

_____. Catolicismo e padroado na São Paulo colonial. In: PASSOS, J. D. – VILHENA, M. A. (orgs.). *A Igreja de São Paulo. Presença católica na história da cidade*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 101-127.

⁵ A homilia de D. Cláudio por ocasião da reabertura da Catedral e a mensagem do papa João Paulo II se encontram no jornal *O São Paulo*, 2 de outubro de 2002, p. 6. Cordis. *A Cidade e a Arquitetura Sacra*, São Paulo, n. 17, p. 1-2, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174.

_____. Da fundação da cidade de São Paulo até nossos dias. In: *São Paulo o apóstolo e a cidade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

Fontes

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Monografia de d. Duarte. Mons. Sylvio de M. Mattos.

ACMSP. Livro do Tombo da Sé 48, 3-4.

Jornal *O São Paulo*, edição de 2 de outubro de 2002.

Jornal *O São Paulo*, edição de 25 de setembro de 2002.